

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

POR MARES HÁ MUITO NAVEGADOS

ALVARO CARDOSO GOMES

ea
editora ática

Por mares há muito navegados
© Álvaro Cardoso Gomes, 2002

Editora-chefe	Claudia Morales
Editor	Fabricao Waltrick
Editor assistente	Roberto Homem de Mello
Preparadora	Maria Sylvia Corrêa
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Seção "Outros olhares"	Priscila Figueiredo
Colaboração	Fabiane Zorn

ARTE	
Diagramadora	Thatiana Kalaes
Editoração eletrônica	Estúdio O.L.M. Eduardo Rodrigues
Pesquisa iconográfica	Odete Ernestina Pereira
Ilustrações	Juvenal Ramos
Ilustração de Luís de Camões	Samuel Casal
Editoração de imagens	Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G612a
2.ed.

Gomes, Álvaro Cardoso, 1944-
Por mares há muito navegados / Álvaro Cardoso Gomes ;
ilustração Juvenal Ramosl. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2009.
136p. : il. - (Descobrimdo os Clássicos)

Contém apêndice e suplemento
ISBN 978-85-08-12037-6

1. Camões, Luis de, 1524?-1580. Os Lusíadas - Literatura
infantojuvenil. I. Ramos, Juvenal. II. Título. III. Série.

09-0347.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12037-6 (aluno)
ISBN 978 85 08 12038-3 (professor)
Código da obra CL 736563

2013
2ª edição
4ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2005
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



EMOÇÃO E POESIA A BORDO

Naquele fim do ano, Dedé estava de cabeça quente. O novo professor de português não queria nem saber: mandou ler *Os lusíadas*, de Luís de Camões, inteirinho até a volta às aulas.

Sabe o que isso queria dizer? Que a viagem de veleiro que seu pai, Walmyr, planejava fazer pelo oceano nas férias estava indo por água abaixo. Pelo menos para Dedé. Não por falta de esforço: mal soube da tarefa, começou a ter aulas particulares com Teto, um universitário que costumava ajudá-lo nos momentos difíceis. Mesmo assim, não ia dar tempo...

Walmyr, no entanto, quer muito a companhia do filho. Resolve então unir o útil ao agradável: convida Teto a ir com eles, para continuar as aulas a bordo.

O jovem, muito tímido, pensa em recusar a oferta, mas fica sabendo que Catarina, prima de Dedé, também vai com eles. Que tentação! Teto ainda é apaixonado por ela, sua ex-colega de escola. Quem sabe a viagem é a grande chance que ele esperava para abrir o jogo com a garota?

Além disso, a aventura também estimula sua outra paixão: a literatura. Teto encanta-se com os planos de Walmyr: refazer todo o trajeto da heroica viagem da esquadra de Vasco da Gama até as Índias, em 1498, assunto principal dos versos de *Os lusíadas*.

Após zarparem, Camões vira febre no veleiro San Gabriel. Ao saber que aqueles mares tinham tanta história para contar,

todos se empolgam pela leitura de Teto e Dedé. Ainda mais quando começam a acontecer estranhas coincidências entre as duas viagens...

Episódio após episódio, Dedé, Walmyr, Catarina e os demais navegantes percebem a grandeza de *Os lusíadas*, que, apesar de ser escrito numa linguagem diferente da utilizada nos dias de hoje, permanece uma referência fundamental da nossa literatura. Além de contemplar questões universais, que não envelhecem nem perdem o sentido ao cruzar fronteiras. Ou a coragem com que Vasco da Gama desbrava os mares não é um símbolo do irresistível desejo humano de sondar o desconhecido?

Em *Por mares há muito navegados*, enfim, o leitor navegará por águas de aventura e poesia. Sem o menor risco de naufragar, pois contará com a bússola das notas esclarecedoras do escritor Álvaro Cardoso Gomes, um estudioso da Literatura Portuguesa. Que conhece muito bem, portanto, a poesia de Camões. Vamos, então, sem demora: velas ao vento!

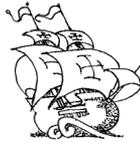
Os editores

SUMÁRIO

1	Umás férias complicadas	9
2	Buscando ajuda	15
3	Leitura dinâmica	22
4	Uma garota muito especial	29
5	Antonomásia? O que é isso?	35
6	A ideia genial do Dedé	40
7	Preparativos para o cruzeiro	46
8	Uma despedida tumultuada	53
9	Nas pegadas de d. Vasco da Gama	58
10	Sobre deuses e deusas	62
11	Uma deusa entre águas transparentes	70
12	Fenômenos do mar	75
13	Já cinco sóis eram passados	78
14	Uma triste e leda madrugada.....	87
15	Doença a bordo e a dança da vassoura	91
16	Os piratas e a bela Dyone	95

17	O resgate dos tripulantes	99
18	Uma conversa à luz do luar	101
19	Inês de Castro	105
20	Chegando às Índias	113
21	A ilha dos Amores	119
 Outros olhares sobre <i>Os lusíadas</i>		125





As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana.

Camões, *Os lusíadas*, Canto I

• 1 •

.....
Umás férias complicadas
.....

Podem umas férias se tornar um problema?

Esta é uma pergunta que lhe faço, caro leitor, logo na abertura deste livro que começo a escrever. Se você ainda é jovem, tenho quase certeza de que dirá:

— Problema?! Que é isso, cara? Problema é o tempo que falta pras férias!

Mas para o nosso amigo André, ou como ele é conhecido em casa e na escola, o Dedé, a proximidade das férias, por incrível que pareça, já o vinha atormentando há algum tempo. Explico o porquê. Era que ele tinha uma grande tarefa pela frente, uma tarefa imposta pelo professor Leonardo. Parece que é norma em qualquer escola que se preze que aulas são aulas e férias são férias. Elas nunca misturam departamentos. Os estudantes estudam muito durante as aulas (quando

estudam, é bem verdade) e, durante as férias, querem é refrescar a cabeça. Esquecer matemática, português, história, sei lá mais o quê, para se concentrar no que realmente vale a pena, na opinião de quem é jovem. E o que vale a pena depende da pessoa. Uns só querem saber de surfar, outros de jogar futebol, tênis, vôlei, até se arrebentar, outros de passar o dia andando de skate, outros, na gíria de vocês, “dando umas bandas, dando um rolê por aí”, outros ainda, os conhecidos por *nerds*, gostam é de ficar mexendo o dia inteiro no micro, imaginando se tornar fantásticos *hackers*, capazes até de interferir em programas especiais da CIA ou da Nasa.

Cada louco com sua mania. O que não se admite mesmo, em hipótese alguma, é gastar as férias para estudar.

Mas assim não pensava o professor Leonardo.

— Maldito professor! — gritou Dedé que, nesse momento, fechado em seu quarto, ouvindo o Metallica no mais alto volume, sentia vontade de jogar pela janela o livro que tinha em mãos.

Maldito porque o professor Leonardo tinha inventado uma tarefa especial para os alunos, com a desculpa de que estavam atrasados com o programa de literatura etc. etc. E que tarefa era essa? Ler *Os lusíadas* inteiro, de cabo a rabo durante os meses de dezembro e janeiro. E se isso não bastasse, ainda tinha inventado que cada aluno devia escolher um episódio ou um conjunto de estrofes para preparar um trabalho para o próximo semestre. Que tipo de trabalho? Uma representação, uma peça, um jogral. Ou outra coisa qualquer do ramo, à escolha do freguês.

É claro que ninguém gostou. Foi aquela reclamação geral:

— Professor, o senhor está louco! Onde se viu tarefa pras férias!

— Justo *Os lusíadas*! Um pé! Além de grosso, é a coisa mais chata do mundo.

O professor Leonardo tinha vindo para o São Geraldo no início do mês de junho, quando a professora anterior ficou gravemente enferma, a tal ponto que, segundo se dizia, não voltaria mais à escola. Dona Gilda era muito exigente, mas não inventava de dar nada de diferente. O negócio dela era com a gramática. Dona Gilda achava a coisa mais importante do mundo que os alunos conhecessem de cor as preposições, as conjunções, soubessem diferenciar uma oração subordinada concessiva de uma oração subordinada adverbial temporal, enfim, só se importava mesmo era com questões de morfologia e sintaxe. Passava uma quantidade enorme de exercícios na lousa e, depois, corrigia um por um com a maior paciência. Era uma aula muito aborrecida, mas todo mundo estava acostumado com seus métodos, suas exigências e ponto final. No que dizia respeito à literatura, mandava os alunos lerem um ou no máximo dois livros por semestre e, nas provas, só pedia um resumo da obra e fazia perguntas sobre nomes e características das personagens. Quem tivesse boa memória saía-se muitíssimo bem. Nada de ler mais livros, nada de mudar o esquema das aulas, nada de exigências para as férias.

Mas foi dona Gilda cair de cama e lá veio o professor Leonardo. No começo, até que gostaram dele porque era muito divertido. As garotas o acharam um “gato”, parecido com não sei quem da tevê. Mas, depois, quando ele veio com a história de que ninguém conhecia nada de literatura e que era preciso ler não sei quantos livros, a coisa mudou. De gato virou um chato.

— Ler os clássicos, gente, não é só questão de vestibular. É uma questão de consciência nacional. De nossa adequação à cultura do país.

— Ah, profe —, dizia a Ana Cláudia, que odiava ler e que não conseguia entender como o professor, que era tão bonito, só falasse em livros — qualé? O que que tem que ver com

a gente a história daquele índio que sai boiando numa jangada com...

— Espera aí! Espera aí! Um instante. Onde foi que você viu essa história de índio boiando numa jangada?

A Ana Cláudia, que por ser bonita gostava de jogar um charminho, revirava os lindos olhos azuis e dizia de um jeito enjoado:

— Ah, sei lá. Contaram pra mim. Então não era jangada, profe?

— Só se for na sua cabecinha. Você está misturando música do Dorival Caymmi com livro do José de Alencar!

Foi uma risada só na classe. E o professor Leonardo explicando que ler *O Guarani*, que contava uma história passada no século XVI, ao contrário do que os alunos pensavam, tinha tudo a ver com o nosso tempo e assim por diante.

Mas esse não era o ponto. O professor era doido por literatura. Fazer resumo? Decorar nome e característica das personagens? Muito mais que isso. Mandava o pessoal ler um trecho meio complicado do Machado de Assis e, depois, ficava fazendo pergunta sem parar:

— O que vocês acham de ele dizer que a Capitu tinha “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”?

— Por que, segundo o escritor, a personagem tem “olhos de ressaca”?

Com isso, pararam de decorar nomes de conjunções, de orações subordinadas. É bem verdade que ele continuava a falar de orações, de gramática, mas sempre tirando de alguma coisa que estavam lendo.

— Por que vocês acham que o Eça de Queirós, neste trecho, disse que “apareceram uns cabelos negros”? — ele perguntava numa ocasião em que liam o conto “Singularidades de uma rapariga loira”.

— Sei lá — disse o Cláudio — vai ver que ele ficou impressionado com a cabeleira da mulher.

— Exatamente. O Eça usou aí de que tipo de figura?

— Metáfora? — arriscava a Tânia.

— Não, não é uma metáfora. Para que fosse uma metáfora, ele precisava ter comparado os cabelos com alguma coisa. Por exemplo, se ele dissesse “cabelos de ébano”, aí, no caso, seria uma metáfora. Mas, em “apareceram uns cabelos negros”, ele se utilizou de uma sinédoque, que é um tipo de figura que se caracteriza por representar o todo pela parte, no caso, a mulher é representada por seus cabelos.

E assim por diante.

Embora o nosso amigo Dedé reconhecesse que havia uma diferença substancial entre o que ensinava a dona Gilda, que só mandava decorar sem explicar as razões, e o que ensinava o professor Leonardo, como o resto da classe, ficou furioso ao saber que nas férias de janeiro tinha que ler *Os lusíadas*.

E não houve quem conseguisse demover o professor Leonardo dessa loucura.

— Qual o problema de vocês lerem? Aliás, não compreendendo como ainda não o leram. Leiam, mesmo que não entendam direito o poema. Não tem importância. O importante mesmo é que consigam lê-lo.

— Isso não é justo. E os nossos direitos? — achava de dizer o Zé Mário, que era filho de advogado e pensava que entendia de leis.

— O que não é justo é vocês não terem lido quase nada de literatura. E quanto a seus direitos, segundo a Constituição, estou lhes dando o direito sagrado de poderem estudar.

— Mas a dona Gilda... — começava a Ana Cláudia.

— Gente, por acaso eu tenho cara de Gilda?

A classe caía em cima da Ana Cláudia. Sempre a Ana Cláudia querendo aparecer e, por isso mesmo, entrando numa fria.